

Floripa: um nome próprio feminino por trás do apelido geográfico?

Floripa: a feminine name behind the geographical nickname?

Víctor Daltoé dos Anjos^{1*}

Resumo

O objetivo da presente pesquisa é investigar o emprego do termo Floripa como nome próprio feminino antes da cidade de Desterro ser rebatizada como Florianópolis, em 1894, e da disseminação da antiga alcunha como um apelido da capital de Santa Catarina, na década de 1970. O estudo oferece subsídios para sustentar a hipótese de que o termo Floripa não surgiu como abreviação, e sim como um nome próprio, raro o suficiente para ser pouco reconhecido em seu antigo emprego, mas adequadamente homófono a Florianópolis para ser revestido com a ideia de abreviação na década de 1970, um período de transformações urbanas que colocaram em jogo o imaginário sobre a cidade. Por meio da consulta a jornais brasileiros do século XIX, via Hemeroteca Digital Nacional, foram encontradas diversas referências a mulheres denominadas Floripa, Floripes e Florípedes, nomes de possível origem medieval ao tomar como base o *Auto de Floripes*, e que depois foram utilizados como apelidos de Florianópolis. Logo, a palavra Floripa pode ter combinado doses de familiaridade para alguns e de ineditismo para muitos, favorecendo sua adoção em uma época de reforço dos discursos acerca do pertencimento em relação à cidade, mesclando na mesma palavra tradição e modernidade.

Palavras-chave: Florianópolis; Floripa; lugar; toponímia; capital.

Abstract

This research aims to investigate the use of the term Floripa as a female name before the city of Desterro was renamed Florianópolis, in 1894, and the dissemination of the old name as a nickname for the capital of the state of Santa Catarina in the 1970s. The study provides

^{1*}Geógrafo e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. E-mail: victordaltoe@gmail.com

evidence to support the hypothesis that the term Floripa did not originate as an abbreviation, but rather as a given name, rare enough to be little recognized in its former use, but adequately homophonous with Florianópolis to be imbued with the idea of abbreviation in the decade of 1970, a period of urban transformations that challenged the collective imagination about the city. Through consultation of 19th-century Brazilian newspapers, via the collection of the Hemeroteca Digital Nacional, several references were found about women named Floripa, Floripes, and Florípedes, names of possible medieval origin based on the story of the *Auto de Floripes*, and which were later used as nicknames for Florianópolis. Therefore, the word Floripa may have combined familiarity for some and novelty for many, which may have favored its adoption at a time when discourses about belonging to the city were being reinforced, blending tradition and modernity in the same word.

Keywords: Florianópolis; Floripa; place; toponymy; capital.

Introdução

Em novembro de 2025, o portal *GI Santa Catarina* revelou que 459 mulheres se chamavam Floripa no Brasil, sugerindo que se trata de um nome de origem “toponímica”, inspirado no “tradicional apelido carinhoso dado a Florianópolis” (Pacheco & Mayer, 2025). Os dados provêm da plataforma Nomes no Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025), com base nos censos demográficos realizados desde a década de 1930. Como os lugares são constituídos pelo valor que lhes é dado pela experiência íntima e pelo uso de símbolos (Tuan ([1977] 1983, p. 6-8), é evidente que inspiram a criação de nomes próprios. Contudo, a reportagem aponta que apenas 30 pessoas eram designadas como Floripa em Santa Catarina, nenhuma delas em Florianópolis, e que a maior parte foi registrada na década de 1940, “antes do apelido da capital se popularizar”. Ora, a designação Floripa não se devia justamente ao apelido da cidade? Ou será que o termo é mais antigo? Se sim, ocorreu metamorfose deliberada de nome próprio em apelido ou trata-se de mera coincidência?

A consulta a jornais publicados em Santa Catarina no século XIX, disponíveis na Hemeroteca Digital Nacional, permite observar que os nomes próprios Floripa e Floripes existiam antes de Desterro ser rebatizada como Florianópolis, medida tomada no início do primeiro governo de Hercílio Luz (1894-1898) como expressão de lealdade ao presidente da República, o marechal Floriano Peixoto (1891-1894). No dia 29 de abril de 1868, por exemplo, Fernando Tavares Antunes foi condenado na comarca de Laguna pelo assassinato de Floripes Maria da Conceição, segundo o jornal *O Mercantil*. Na edição de 11 de novembro

de 1879 d’*O Município*, de Laguna, consta no obituário o nome de “Manoel, pardo, de 1 anno, filho de Floripa de Jesus”. A pequena Floripa Francisca, de 6 anos, por sua vez, era uma das 110 pessoas acometidas com varíola em Pedrinhas, Tubarão, segundo uma nota de outubro de 1891. Outras Floripas assomavam na imprensa brasileira do século XIX, como Floripa Liberata das Dores, sepultada no ano de 1871 em Recife².

No início da década de 1970, enquanto novos registros do nome Floripa rareavam, segundo o IBGE (2025), o nome começou a aflorar em colunas sociais na imprensa de Santa Catarina, dessa vez como apelido de Florianópolis. Floripa, Floripes e Florípedes, três antigas denominações femininas, estão entre as alcunhas empregadas no jornal *O Estado* por Beto Stodieck, um colunista que folgava com o uso de neologismos como Desterrópolis em seus brados ferinos diante da intensa reconfiguração urbana que ocorria na capital catarinense, oscilando entre a crítica do provincianismo local e a desbragada xenofobia (Fonseca, 2008, p. 12-13; 17; 68; 74)³. O curioso é que, em meio à pluralidade de opções para se referir à cidade, a palavra de maior sucesso tenha sido Floripa, justamente um prévio nome feminino, diferente de Flops e Flópolis, existentes desde o início do século XX como abreviações formais de Florianópolis, uma das capitais estaduais brasileiras com a designação mais extensa⁴.

Não cabe aqui emitir juízo de valor acerca do apelido Floripa, e sim elucidar o seu antigo uso como nome próprio feminino e investigar a sua deriva para a função de alcunha geográfica. A primeira parte da investigação se debruça sobre os exemplos de mulheres denominadas Floripa e Floripes antes da transformação de Desterro em Florianópolis, e realça a história do *Auto de Floripes*, que talvez seja responsável pela difusão de tais nomes próprios. Em seguida, o texto é guiado pela hipótese de que a palavra Floripa tenha sido transfigurado em apelido no limiar da década de 1970, com sua origem camuflada enquanto era vista como benfeitoria diante do termo Florianópolis, marcado pelas ressonâncias autoritárias do florianismo. A topofilia, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (Tuan, [1974] 1980, p. 5), que é projetada por meio do apelido Floripa exige uma reflexão sobre as raízes e razões de sua celebridade, entrevendo complexidade por trás do que, a princípio, seria uma mera abreviação.

Floripa: antes nome próprio que apelido

² *O Mercantil*, Desterro, 10 de maio de 1868, p. 3; *O Município*, Laguna, 11 de novembro de 1879, p. 2; *Republica*, Desterro, 24 de fevereiro de 1892, p. 2; *Diario de Pernambuco*, Recife, 28 de outubro de 1873, p. 1.

³ *O Estado*, Florianópolis, “Sem título”, 6 de dezembro de 1974, p. 12.

⁴ *O Dia*, Florianópolis, 27 de janeiro de 1904, p. 3; 19 de abril de 1908, p. 3.

“Nomear os lugares é impregná-los de cultura e de poder”, afirma o geógrafo Paul Claval ([1995] 1999, p. 202), o que costuma levar ao esquecimento conveniente sobre a origem dos topônimos. No caso da capital catarinense, os seus nomes sucessivos possuem consagrações bem conhecidas. Nossa Senhora do Desterro foi fundada no século XVII pelo vicentista Francisco Dias Velho como uma denominação religiosa que traduzia os anseios expansionistas de um império católico e ultramarino. Transformada em Florianópolis no ano de 1894, a cidade carrega em seu nome laico o timbre do conturbado início da República no Brasil meridional, marcado pelo choque entre diferentes facções civis e militares e pelo peso do florianismo, “o primeiro fenômeno político de expressão focalizado em torno da figura de um personagem republicano no Brasil” (Veiga, 2020, p. 63).

Contudo, desde os anos 1970, segundo Veiga (2020, p. 68), o município de Florianópolis tem sido designado como Floripa, alcunha que foi gradualmente adotada pelo *establishment* político da capital catarinense e pelo discurso de órgãos públicos, como no programa *Smart Floripa 2030*. O que falta é investigar as origens do geo-apelido.

A defesa do emprego de Floripa como designação geográfica costuma ser ancorada em argumentos de teor cultural e político. Em um boletim da Comissão Catarinense de Folclore, por exemplo, Rodrigues (2011, p. 32) autodeclara-se como “Manezinho da Ilha” e discute se “vamos chamar nossa cidade pelo nome que já vem se cristalizando no meio maneíístico: Floripa”. “Penso nesse apelido não como uma derivação, uma corruptela de Florianópolis”, afirma Veiga (2020, p. 68), “mas como um anseio, semente que germinou, brotou, cresceu e floresceu madura, depois de gerações discutindo o fato e repudiando a origem do nome original”. Consciente ou não de que Floripa já serviu como nome próprio, Veiga lança dúvidas se o apelido suaviza a marca florianista do topônimo:

Se o nome Florianópolis é resultado de uma imposição política, após episódios tão trágicos e cruéis e, portanto, um nome negado por gerações sucessivas, já há 125 anos, e se Floripa vem se destacando como uma espécie de apelido – para alguns simpático, para outros não –, esse apelido pode se afastar da associação ao líder agressor, ou não. Mas a agressão é um fato sem volta (Veiga, 2020, p. 68).

E do que se nutre a memória da agressão? Durante o governo de Floriano Peixoto, o segundo marechal a comandar a República instaurada pelo golpe militar de novembro de 1889, Desterro se tornou o alvo estratégico para os que se rebelavam contra o presidente por meio da Revolução Federalista (1893-1895), que partiu do Rio Grande do Sul, e da Segunda

Revolta da Armada (1893-1894), uma insurgência da Marinha. A brutal repressão que desabou sobre os rebeldes por ordens do presidente permitiu o retorno do Partido Republicano Catarinense, chefiado por Lauro Müller, que havia sido aliado do poder após a renúncia do marechal Deodoro da Fonseca (Cabral, 1968, p. 243-267). Em seguida, por iniciativa do novo governador estadual, Hercílio Luz, o município de Desterro foi renomeado como Florianópolis com a lei nº 111, de 1º de outubro de 1894.

Todavia, Floripa possui uma existência mais antiga que o neologismo Florianópolis, gerando o paradoxo de uma palavra anterior ao nome para o qual serve de corruptela.

No jornal *Regeneração*, em edição de junho de 1885, há uma lista oriunda da Câmara Municipal de Desterro com os nomes dos “criados” que pagaram impostos nos dois anos anteriores, incluindo Floripa Juliana de Jesus. Em 1886, o *Jornal do Commercio* publicou um edital lançado pelo Juiz de Órfãos de Desterro sobre a venda em hasta pública de um terreno na freguesia da Trindade que confinava com as terras de uma certa Floripa. No jornal *Republica*, em novembro de 1894, a superintendência municipal da capital incluiu “D. Florippa Pereira” na lista dos proprietários que deveriam mover cercas para a construção de uma estrada. No continente fronteiro à Ilha de Santa Catarina, também havia Floripas e Floripes⁵.

Em Santo Amaro do Cubarão, freguesia da vila de São José, a esposa do cidadão Antônio Silveira de Mattos se chamava Floripes Justina de Jesus (Santa Catarina, 1862, p. 2v), um nome que na época era confundido com seu similar Floripa. Em 17 de julho de 1876, por exemplo, em São Francisco do Sul, teria sido assassinado Antônio Affonso Moreira, “com um tiro de espingarda, por sua mulher Gertrudes Floripes de Oliveira e José Antônio Liberato, que foram presos e processados”, de acordo com o jornal *O Despertador*. A condenada por homicídio aparece como Gertrudes Floripa de Oliveira em ofício de 1888 do presidente da província, um exemplo de troca entre os nomes que também existiam no planalto. No *Jornal do Commercio*, em fevereiro de 1893, há um informe da comarca de Curitiba sobre uma demanda de Floripa Mendes de Moraes, viúva de Antônio Alves da Rocha, requerendo metade das terras que tinha em comunhão com outros herdeiros⁶.

E pessoas nomeadas como Floripa não viviam apenas em Santa Catarina.

Ao fim de 1871, no jornal *Dezenove de Dezembro*, de Curitiba, “D. Floripa Antonia” aparece como uma das estudantes aprovadas nos exames escolares. No *Diario de São Paulo*,

⁵ *Regeneração*, Desterro, 14 de junho de 1885, p. 3; *Jornal do Commercio*, Desterro, 10 de novembro de 1886, p. 3; *Republica*, Florianópolis, 25 de novembro de 1894, p. 2.

⁶ *O Despertador*, Desterro, 4 de maio de 1877, p. 2; *Conservador*, Desterro, 9 de fevereiro de 1888, p. 1; *Jornal do Commercio*, Desterro, 18 de fevereiro de 1893, p. 2.

em 1873, a senhora Floripa Augusta da Silva Braga é mencionada entre os passageiros do vapor *Santa Maria*, e sabe-se que, em 1876, um imigrante italiano teria sido morto na vila de Pindamonhangaba por um certo João Floripa. Em Porto Alegre, no jornal *A Federação*, consta no obituário do dia 2 de janeiro de 1886 o nome de “Manoel, filho de Floripa, 7 dias, d’esta cidade, preto”; enquanto na lista de óbitos de 15 de abril de 1888 há o caso de “Alice, filha de Floripa Maria da Silva, 17 meses, d’esta provincia, branca”. No Rio de Janeiro, ocorreu o batismo de uma criança chamada Floripa em 1892, na igreja matriz de Sant’Anna, segundo o *Diario de Noticias*, mesmo ano em que Felippa Floripa de Faria Vieira consta como professora pública em Timbaúba, Pernambuco, de acordo com o *Jornal do Recife*⁷.

Mulheres com os nomes de Floripa e Floripes continuaram presentes em jornais depois da transformação de Desterro em Florianópolis. Na programação a ser exibida no teatro Álvaro de Carvalho no dia 14 de julho de 1899, na capital do estado, consta “D. Floripa” como parte do elenco que representou a comédia “A Patente de Capitão”. No *Republica* de 9 de abril de 1924, consta que, “no Hospital de Caridade” de Florianópolis, “foi hontem submettida a uma melindrosa operação cirurgica a sra. Floripa de Sá Figueiredo, esposa do nosso correigionario Mancilio Figueiredo, fazendeiro em Lages”. Em agosto de 1928, por sua vez, *O Estado* citou o caso de “Elsa, filha de Floripa Maria da Conceição”, como um dos nomes inscritos nas lápides do cemitério municipal que foi desativado com a construção da ponte Hercílio Luz⁸.

De início, a existência internacional do nome Floripa parecia sugerir uma origem ibérica. Na seção necrológica do jornal *O Economista*, de Lisboa, por exemplo, aparecem os registros de óbito de Floripa Romana da Silva, de 4 anos, e o de Floripa Lourença, 33, em 1885 e 1889, respectivamente. Uma consulta ao mecanismo de buscas do sítio eletrônico *Family Search*, “o principal sistema de informações genealógicas do mundo” (Araújo, 2017, p. 13), permite observar mulheres registradas com o nome de Floripa não só em Portugal, mas também na Argentina e no Chile do século XIX, além de outros exemplos em Santa Catarina e no Brasil. O nome feminino chegou a designar a embarcação a vapor *Floripa*, que chegou à Ilha de Minorca, no arquipélago das Baleares, em 1º de junho de 1871⁹.

⁷ *Dezenove de Dezembro*, Curitiba, 6 de dezembro de 1871, p. 2; *Diario de São Paulo*, São Paulo, 13 de dezembro de 1873, p. 3.; *A Provincia de São Paulo*, São Paulo, 5 de outubro de 1876, p.3; *A Federação*, Porto Alegre, 5 de janeiro de 1886, p. 3; 17 de abril de 1888, p. 2; *Diario de Noticias*, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1892, p. 2; *Jornal do Recife*, Recife, 29 de abril de 1892, p. 2.

⁸ *O Estado*, Florianópolis, 12 de julho de 1899, p. 2; *Republica*, Florianópolis, 9 de abril de 1924, p. 1; *Republica*, 30 de agosto de 1928.

⁹ *O Economista*, Lisboa, 6 de agosto de 1885, p. 3; 31 de março de 1889, p. 3; *El Constitucional*, Mahón, 1º de junho de 1871, p. 3. A referência ao *El Constitucional* foi possível graças à Biblioteca Virtual de Prensa Histórica.

Contudo, a possibilidade de origem ibérica dos nomes Floripa e Floripes esbarra na obra *Chanson de Fierabras*, escrita na língua occitana no século XII, e que tem como uma de suas personagens principais a princesa “Floripas” – com ‘s’. O livro inspirou o *Roman de Fierabras* (1478), de Jehan Bagnyon, publicado na França, traduzido para o castelhano e depois ao português como a *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França* (1728), que inclui o *Auto de Floripes* (Macedo & Espig, 1999, p. 148; Arias, 2012, p. 12).

O enredo da *Chanson de Fierabras* retrata a luta entre cristãos e muçulmanos na era carolíngia, culminando no casamento da fictícia princesa moura Floripas com o par de França Guy de Borgonha, e na conversão religiosa da donzela e do seu irmão, “Fierabras”, nome que pode ser traduzido como “braço bravo” (*fier-à-bras*) (Mandach, 1987, p. 1-4). Na adaptação de Bagnyon do século XV e na tradução à língua portuguesa, Floripas tornou-se Floripes.

As gestas carolíngias se propagaram na cultura popular da América Portuguesa, e sua influência sobreviveu no Brasil independente combinada ao milenarismo e ao sebastianismo (Arias, 2012, p. 13). Na revista *Blumenau em Cadernos*, em texto sobre a Guerra do Contestado (1912-1916), Gaertner (1974, p. 245) aborda a religiosidade dos “sertanejos” e coteja a possibilidade de que, “nas virgens dos redutos viam, certamente, a imagem de Floripa da canção de gesta francesa”. Logo, do medieval occitano Floripas surgiu Floripes, nome depois transmutado em Floripa, termo que também rescende ao original (Mandach, 1987, p. 1-4).

O *Auto de Floripes* era conhecido em Santa Catarina. Há uma crônica de 1922 no jornal *O Estado*, de Florianópolis, escrita por “uma distinta senhora patricia” que assina como “A.C.” e efetua sobejos elogios à representação de uma peça de teatro intitulada “A Flor da Roça”, comentando que o par de protagonistas lembrava o casal Floripes e “Guido de Borgonha”¹⁰. No Rio Grande do Sul, a mesma história de cunho medieval foi transformada em cerimônia na segunda metade do século XX, sob a influência do regionalismo em ascensão.

No jornal *Diario de Noticias*, de Porto Alegre, na edição de 10 de agosto de 1958, está descrita com detalhes a apresentação feita no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) de Caçapava do Sul, simulando a disputa por uma “Princesa, em algumas regiões conhecida como Floripa”. O mesmo jornal noticiou, em 24 de janeiro de 1970, a “luta simulada entre mouros e cristãos” no CTG de Vacaria, com a “Rainha Floripa” vestida de branco,

¹⁰ *O Estado*, Florianópolis, 23 de agosto de 1922, p. 5.

simbolizando a “pureza de Nossa Senhora”¹¹. Em uma reportagem do veículo quinzenal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, em 1970, afirma-se que “a tradição está sendo ressuscitada em nível de festa popular”, oriunda de Portugal, com a lenda da “filha de um general islamita”, chamada Floripa.¹²

Para a presente pesquisa, o *Auto de Floripes* importa por dois motivos. Em primeiro lugar, a presença de tal artefato cultural pode ter contribuído para a difusão dos nomes próprios Floripes e Floripa no Brasil. Em segundo, a revivescência do auto medieval no estado mais meridional do país pode ter concorrido para uma propagação maior do termo Floripa entre os seus habitantes, muitos dos quais migraram para a capital de Santa Catarina durante as décadas de 1960 e 1970, ou passaram a frequentá-la como turistas (Fonseca, 2008, p. 17-18). Isso não significa que o apelido Floripa para se referir a Florianópolis tenha origem nas pessoas que partiam do Rio Grande do Sul, mas é uma evidência de que o nome próprio Floripa, desconhecido para muitos, poderia ressoar familiar para alguns.

Além de Floripa e Floripes, também havia Florípedes, todos de uso literário e dramaturgico. Em agosto de 1963, no jornal *A Nação*, de Blumenau, foi anunciado que iria ocorrer uma apresentação única no Teatro Carlos Gomes, na “Capital Econômica de Sta. Catarina”, da peça *Em moeda corrente do país* (1960), em que a personagem principal era Floripes, uma funcionária pública interpretada por Cacilda Becker, em uma trama que “retrata o suborno, a corrupção e a imoralidade administrativa”. O jornal *O Estado* noticiou em 1969 que o grupo teatral de Geny Borges estava ensaiando a peça infantil *O rapto das cebolinhas* (1954), de Maria Clara Machado, que tinha a “gatinha” Florípedes como personagem, nome que coincide com a protagonista de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), de Jorge Amado¹³.

Logo, Floripa, Floripes e Florípedes eram inicialmente três nomes próprios femininos que depois foram utilizados como apelidos de Florianópolis, diminuindo as chances de que tenham se tornado epítetos por uma espécie de geração espontânea, sem inspiração prévia no seu emprego original, o que seria um triplo acaso. A ideia de que o nome Floripa surgiu nos anos 1970 é defendida pelo colunista Cacau Menezes – alcunha de Cláudio Menezes (1955) –, que afirma ser ele próprio o responsável pela sua gênese com o intuito de criar um apelido para Florianópolis, que depois foi difundido nos textos de Beto Stodieck (FloripAmanhã,

¹¹ *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 10 de agosto de 1958, p. 38; 24 de janeiro de 1970, p. 9.

¹² *Pioneiro*, Caxias do Sul, 2ª quinzena de dezembro de 1970, p. 14.

¹³ *A Nação*, Blumenau, 10 de agosto de 1963, p. 1 e 6; *O Estado*, Florianópolis, 14 de outubro de 1969, p. 7.

2010). Ora, seriam também Floripes e Florípedes, outras duas alcunhas da cidade no começo da década de 1970, invenções da época como Floripa? Se sim, seria uma tripla coincidência?

O uso dos nomes próprios Floripa, Floripes e Florípedes se tornou mais raro à medida que avançava o século XX, o que pode explicar como seu significado primevo foi esquecido, camuflado sob a máscara da abreviação. Na plataforma Nomes no Brasil, consta que 127 mulheres nascidas nos anos 1940 foram designadas como Floripa, e 242 como Florípedes. Outros 135 indivíduos foram nomeados Floripe e 863 por Floripes, dois nomes em sua maioria femininos, mas também de uso masculino. Contudo, não houve nenhum novo registro dos nomes Floripa, Floripe ou Florípedes desde a década de 1980 no Brasil, o que também ocorreu com Floripes no século XXI, de acordo com o IBGE. Ou seja, Floripa tornou-se rara como designação pessoal a ponto de esmaecer a consciência de que a mesma palavra, antes um nome próprio feminino, era idêntica ao novo apelido célebre da capital de Santa Catarina.

Claro, pode ser por acaso que o nome próprio Floripa seja igual ao apelido da capital catarinense, sem que ninguém tenha transformado a palavra em epíteto por uma associação jocosa ou afetuosa entre a antiga alcunha feminina e a cidade. A hipótese da coincidência se nutre do fato de que Floripa é ‘óbvia’ como abreviatura da palavra Florianópolis, pois contempla os dois fragmentos do neologismo, formando um apelido hipocorístico, aquele que abrevia (*Floriano + pólis* equivale a *Flori + pa*). Mas, será?

Na presente investigação, verificou-se que os termos Flops e Flópolis aparecem primeiro em jornais no século XX como abreviações formais da cidade, e não Floripa. Em janeiro de 1904, é Flops que subscreve um anúncio d’*O Dia*, na mensagem cujo titular é o desembargador Genuíno Vidal, ironicamente o autor da proposta inicial para substituir o nome Desterro por Florianópolis, em 1894 (Collaço, 2020, p. 50-51)¹⁴. No mesmo jornal, em 1908, há um registro da palavra Flópolis em uma coluna literária.

Se Floripa é um apelido tão óbvio para Florianópolis, por que só se difundiu nos anos 1970 e não desde 1894, quando a cidade deixou de ser Desterro? Se é tão explícita a conexão entre o topônimo e a abreviação célebre, por que Flops e Flópolis surgiram primeiro? A demora de Floripa em aparecer nos jornais como epíteto da capital pode indicar que o antigo nome veio a calhar como apelido em um momento específico, real a ponto de permitir a associação entre os dois termos, mas assaz raro para que a antiga denominação pessoal fosse disfarçada como palavra inédita. Logo, a hipótese é de que o nome próprio Floripa inspirou a

¹⁴ *O Dia*, Florianópolis, 26 de janeiro de 1904, p. 3; 19 de abril de 1908, p. 3.

criação do apelido de Florianópolis no contexto de disputas simbólicas acerca da sua identidade urbana na década 1970. O termo Floripa mesclaria o antigo e o novo na busca de intimidade com o lugar?

Floripa, Floripes, Florípedes: da topofilia à xenofobia

No fim da década de 1970, o apelido Floripa foi revestido com uma camada política de sentido. As coordenadas inscritas no nome da capital catarinense ressurgiram como polêmica em novembro de 1979, quando o presidente e general João Batista de Oliveira Figueiredo visitou a cidade e foi recebido no Palácio Rosado, a sede do poder estadual. A intenção do conviva era homenagear o marechal Floriano Peixoto com a inauguração de uma placa comemorativa na Praça XV de Novembro, no centro da capital, acirrando os ânimos e servindo como um dos fatores que desencadearam a Novembrada, como ficou conhecido o protesto de clara oposição ao regime. Poucos dias antes, foi publicada na seção *Opinião do Leitor*, do jornal *O Estado*, uma nota que lança vitupérios contra a origem florianista do nome Florianópolis, valorizando o termo Floripa como signo de identidade:

Senhor Diretor

“Florianópolis” é um nome que já está cravado em cada um de nós. Principalmente, para a geração da segunda metade do século, é um nome de cidade, simplesmente, sem qualquer conotação histórico-bajulativo. E, nestes termos, está tudo bem.

Agora, querer remexer na origem do nome, é desejar jogar farofa no vento sul; é pretender complicar tudo.

A Florianópolis, que tanto amamos, é a nossa Floripa, e não quaisquer Florianas, que vivam a girar suas bolsinhas por aí.

Tremenda ‘mancada’, essa de colocação de placa alusiva a Floriano Peixoto, logo na Praça XV!

Ou retire-se a placa ou mudemos o nome da cidade!

Rogério B. Albuquerque (*O Estado*, Florianópolis, 27 de novembro de 1979, p. 4).

O excerto acima é o único, porém significativo, indício encontrado pela presente pesquisa em que alguém emprega a palavra Floripa de um modo que pode significar tanto o nome próprio feminino como o apelido de Florianópolis. Afinal, após escrever sobre a “nossa Floripa”, relacionada à intimidade e ao amor, o autor contrasta tal sentimento com seu desprezo por “quaisquer Florianas”, em referência ao marechal cujo nome inspirou o batismo da capital catarinense. O efeito discursivo é a contraposição de uma mulher amada a outras odiadas, o que pode indicar o quanto o nome próprio Floripa era uma referência captada por

alguns, mesmo que não pela maioria, soando como novidade. Deste modo, cabe cotejar a hipótese da presente pesquisa com o contexto de mutação no imaginário geográfico sobre a capital ilhéu entre as décadas de 1960 e 1970, marcado pelas promessas advindas da modernização acelerada e do turismo (Lohn, 2011; Lenzi & Gonçalves, 2023).

Ultrapassada em Santa Catarina pela pujança econômica de centros industriais como Blumenau, Florianópolis teve sua atividade portuária prejudicada pelo advento do rodoviarismo durante a Era Vargas (1930-1945), levando-a a uma fase de estagnação econômica (Fonseca, 2008, p. 37). Contudo, uma etapa de intensas mudanças teve início durante a década de 1960, na Segunda República (1945-1964), quando o Brasil engrenou um projeto que combinava modernização territorial e construção nacional sob a liderança do Estado, com a devida conciliação elitista (Anglade, 2000, p. 57; Moraes, 2011, p. 92-94). Na capital catarinense, ocorreu uma rápida expansão do funcionalismo público, com a implantação de uma autarquia estadual de eletricidade, a Celesc (1955), a criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) (Fantin, 2000, p. 36). O I Plameg, o Plano de Metas do governador Celso Ramos (1960-1965), se tornou a expressão local do nacional-desenvolvimentismo (Goularti Filho, 2002, p. 201-216).

Contudo, foi durante a Ditadura Militar que Florianópolis passou pelas maiores transformações em seu tecido urbano, justamente em um período de restrição aos direitos civis e políticos em escala nacional, e de retomada do imperativo geopolítico de integração a todo custo pelo Estado (Carvalho, [2001] 2017, p. 161-162; Moraes, 2011, p. 94-95). A vinda de migrantes de classe média de outros estados para trabalhar no setor público em Florianópolis, principalmente do Rio Grande do Sul, se acelerou com a instalação da sede da Eletrosul (1969), subsidiária da Eletrobrás. A antiga feição do centro de Florianópolis foi profundamente alterada com o aterro da Baía Sul e a construção de uma segunda ponte entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, obras realizadas durante o mandato do governador Colombo Machado Salles (1971-1975), nomeado pelo regime. A cidade se verticalizava, recebia mais estudantes, moradores e turistas, enquanto a rodovia BR-101 remodelava o litoral catarinense. A explosão demográfica era combinada com o êxodo rural dentro e fora da ilha.

Florianópolis integrava uma espécie de periferia dinâmica na escala nacional. Como destaca Becker ([1982] 2015, p. 26-32), para além de um *core region* formada pelas metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro, havia “regiões periféricas deprimidas”, como boa parte do Nordeste, e “regiões periféricas dinâmicas”, que incluíam o interior paulista e os

estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As mudanças urbanas em Florianópolis nas décadas de 1960 e 1970 mostravam o anseio da elite local em se beneficiar da dinâmica econômica regional para se afastar da posição periférica, inclusive na escala estadual, reforçando o peso da capital como centro político (Sayão, 2004, p. 35). Contudo, o discurso desenvolvimentista se chocava com o ideal de cidade média, principalmente pelo atrativo oferecido por uma capital que combinava a urbanidade e a natureza (Fantin, 2000, p. 22-24).

Em paralelo às mudanças no território, ocorria uma transformação nas identidades geográficas projetadas pelos atores políticos em Santa Catarina. O 1º Congresso Catarinense de História (1948) promoveu a colonização açoriana como o símbolo de uma brasilidade local que se acomodava no seio da nação concebida durante o regime varguista, como um mosaico de culturas domesticadas sob a égide da unidade (Sayão, 2004, p. 45-55; Moraes, 2011, p. 92-93). Na década de 1960, houve uma transição para o “catarinensismo”, a imagem de um agregado estadual que resulta da justaposição de culturas regionais, evacuando a ideia de mestiçagem que marcava a narrativa nacional desde os anos 1930 (Sayão, 2004, p. 27-31; 69-71). A associação entre Florianópolis e a herança açoriana foi reforçada por meio da figura do “manezinho da Ilha”, como afirma Fantin (2000, p. 52-53). Logo, a difusão do apelido Floripa – palavra aportuguesada há séculos – ocorreu sob a linguagem informal dos jornais, como se verá a seguir, mas condiz com a busca oficial de tornar mais sólido o apelo da capital.

A transformação urbana era tal em Florianópolis que o cronista Beto Stodieck, um dos mais célebres da cidade na década de 1970, via o processo como a destruição da “Velha Desterrópolis” e o surgimento de uma nova cidade do ponto de vista material e imaterial, com lamentos e comemorações que era acompanhados pelo uso constante de apelidos pelo autor, como Flops e Floripa (Fonseca, 2008, p. 48). Stodieck era colunista simultaneamente de *O Estado*, de Florianópolis, cujo acervo está disponível na Hemeroteca Digital Nacional, e do *Jornal Santa Catarina*, de Blumenau, e foi um dos primeiros a difundir, por meio dos jornais, os termos Floripa, Floripes e Florípedes com o sentido de apelidos geográficos, além de outros colunistas das duas cidades sobreditas. Contudo, foi em um veículo de imprensa de Blumenau, mas não em um texto de Stodieck, que a presente pesquisa encontrou a primeira referência ao uso da palavra Floripa como alcunha de Florianópolis.

Em 13 de fevereiro de 1970, no jornal *Cidade de Blumenau*, sob o título de “Mutatis Mutandis”, o colunista Tessaleno, pseudônimo de Gervásio Tessaleno Luz, segundo Costa e Souza (2013), oferece uma lista dos blumenauenses aprovados no vestibular da UFSC. “Em

busca do decantado canudo de papel”, diz a nota, “gente nossa partiu para a Ilha”, a “Floripa querida, de céu-mar-sol-nublado”¹⁵. A capital de Santa Catarina aparece, deste modo, como um destino estudantil, mas é o termo Floripa que o autor associa à imagem benfazeja da configuração litorânea insular, que remete à ideia de abertura para o mundo, segundo Tuan ([1974] 1980, p. 129-133). Ou seja, o termo Floripa é vinculado por Tessaleno à “Ilha” – com letra maiúscula –, sugerindo intimidade com uma espécie de entidade geográfica. Era a Ilha de Santa Catarina ligada à contemplação e ao lazer, a alguns passos de sua transformação em paisagem-espetáculo pela indústria do turismo (Lacoste, 1990, p. 42).

Na “Floripa querida”, o que ganhou o *status* de “salvação econômica” na década de 1960 foi o turismo, segundo Lenzi & Gonçalves (2023, p. 430), atividade cuja versão costeira e de massa não era muito antiga. Somente no fim do século XIX, na Europa, “entrou em voga a talassoterapia, seguida da introdução desportiva do banho de mar”, e foi apenas com o desenvolvimento da indústria automobilística e do modal rodoviário, na década de 1960, que a “urbanização de lazer” adquiriu caráter de massa no litoral do Brasil, com “desrespeito imenso aos ecossistemas originais” (Yázigi, 2009, p. 127). Em Florianópolis, com as praias continentais das Baías Sul e Norte cada vez mais poluídas, os atrativos da Ilha de Santa Catarina foram alavancados, segundo Fantin (2000, p. 52-53), e o discurso do Estado reforçou o louvor à insularidade, como no hino municipal *Um pedacinho de terra perdido no mar*, adotado durante os primeiros anos da Ditadura Militar (Diário Catarinense, [s.d.]).

O uso do termo Floripa como apelido de Florianópolis na coluna assinada por Tessaleno no jornal *Cidade de Blumenau*, em fevereiro de 1970, se choca com a versão de Cacau Menezes de que teria sido ele mesmo o criador da palavra, depois disseminada pelo cronista Beto Stodieck (FloripAmanhã, 2010). Afinal, como afirma Fonseca (2008, p. 16), Stodieck estreou na imprensa catarinense apenas em 1971, voltando do Rio de Janeiro, um ano após o emprego da palavra Floripa como abreviação de Florianópolis pelo colunista Tessaleno, de Blumenau.

O uso de apelidos para Florianópolis não aparecia nos jornais apenas em referência à natureza da Ilha de Santa Catarina, mas também no tom jocoso que remete à função da cidade como capital, sede do poder e onde se concentra o funcionalismo público, burocracia ampliada durante a Ditadura Militar (Lohn, 2011, p. 165). As colunas sociais e crônicas de jornais ofereciam um espaço propício para zombar de tal fenômeno em tempos de censura

¹⁵ *Cidade de Blumenau*, Blumenau, 13 de fevereiro de 1970, p. 4.

prévia (Carvalho, [2001] 2017, p. 166). Na edição de 5 de outubro de 1972 do jornal *A Cidade*, de Blumenau, na seção humorística de “Jano Morkorz (da Ilha)”, consta que:

PRÁ VARIAR

Tá chovendo na Ilha. É, na ilha também chove. E isso aqui, com uma garoazinha, um ventinho sul, fica um saco que ninguém aguenta. É um tal de meu humor, que nas repartições, nada é liberado, nada é decidido, nada com nada. Ninguém faz nada aqui, em Floripes, em dia de chuva. (*A Cidade*, Blumenau, 5 de outubro de 1972, p. 9)¹⁶

Além de Floripa e Floripes, outro apelido para se referir a Florianópolis era Florípedes. Em 2 de abril de 1973, uma coluna social do periódico *A Cidade* abordou o caso de alguns blumenauenses que moravam na capital, “e assim eles vão vivendo na pacata Florípedes, curtindo sua aparente invulnerabilidade e sendo considerados pelos cronistas como os melhores partidos da cidade”¹⁷. Ou seja, nos veículos de imprensa publicados em Blumenau, a capital era Floripa, Floripes e Florípedes, justamente os três antigos nomes próprios femininos.

As colunas sociais e crônicas de Beto Stodieck, alcunha de Sérgio Roberto Leite Stodieck (Florianópolis, 1956-1990), analisadas por Fonseca (2008, p. 17-21), podem ter ajudado a popularizar o epíteto Floripa. Em seus textos, Stodieck criticava os atributos provincianos de Florianópolis no plano dos costumes, ao mesmo tempo que repreendia a destruição do patrimônio arquitetônico pela expansão urbana desenfreada, e, com frequência adotava tons xenófobos em relação a indivíduos originários do Rio Grande do Sul e da Argentina. Stodieck foi, por um lado, responsável por promover alguns dos primeiros shows de artistas nacionais em Florianópolis, como Gal Costa, além da obra de catarinenses como Lindolf Bell, mas era o mesmo que gracejava sobre ir para a ponte Hercílio Luz e “fazer uma seleção” sobre quem poderia entrar na “Ilha” (Fonseca, 2008, p. 57; 66; 98)¹⁸.

Em dezembro de 1974, na coluna “Sem título”, Beto Stodieck usa o termo Floripa em em uma mescla de topofilia e xenofobia:

Florianópolis, Flo, Flor, Floripa, Florisa, ou, simplesmente, Flops que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos. O que é que vocês preferem? Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus. Atravessou a ponte e não é mais Ilha (é claro, senão não haveria razão de ponte e pontes). Sou radical e digo: a Ilha não é dos outros - afinal,

¹⁶ Fica a dúvida se o “meu humor” é um erro de digitação, ironia ou ato falho.

¹⁷ *A Cidade*, Blumenau, 2 de abril de 1973, p. 25.

¹⁸ *O Estado*, Florianópolis, 13 de novembro de 1974, p. 12.

o Streitcho existe prá que? É claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (a final, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a ilha é deles também, é pura pretensão. Não é nem deles, nem de ninguém (só nossa, repito) e muito menos dos gaúchos que vieram prá ficar. Antes ficassem em Sombrio, onde também deve haver sombra e água fresca...Além: Sombrio fica pelas alturas da fronteira e pelo que se sabe, gaúcho não dispensa uma fronteira...[...]. (*O Estado*, Florianópolis, 6 de dezembro de 1974, p. 12)

Em seguida, Stodieck acrescenta que “gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar”, pois “Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente prá impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias”. O colunista não via com bons olhos a compra de terrenos na capital por pessoas vindas da Argentina, que estariam “invadindo o interior da Ilha”, uma invectiva que condiz com a “onda de nacionalismo xenófobo e reacionário” disparada sob o governo do general Emílio Médici (1969-1974), segundo Carvalho ([2001] 2017, p. 172), ainda mais após a conquista do tricampeonato mundial de futebol masculino pelo Brasil. Para Stodieck, a “Ilha” tinha um histórico de “invasões”, com piratas que “matavam, defloravam, roubavam e deixavam pobre a vila de Nossa Senhora do Desterro”, concluindo que: “por favor, não me levem a sério que tudo não passa de brincadeirinha. / Pois é: brincando é que se diz as coisas...”. Lugar, pertencimento, identidade e exclusão.

A hipótese de Fonseca (2008, p. 22-23) para entender a mistura de cosmopolitismo e bairrismo ilhéu nas colunas de Stodieck é de que houve uma desestabilização das relações entre grupos sociais dentro de Florianópolis na década de 1970. Novos moradores chegaram *en bloc* de outros estados para integrar o funcionalismo público expandido, vindos de metrópoles que serviam como modelos de modernidade em relação à capital catarinense. As colunas de Stodieck expressariam uma reação dos filhos da elite e da classe média local – também recém-chegados – em relação às mudanças que colocavam os ‘nativos’ em suposta posição de inferioridade em relação aos migrantes, principalmente pelo aumento do custo de vida. Uma das consequências foi a valorização da figura antes menosprezada do ‘manezinho da Ilha’, uma espécie de apego ao passado e marca de identidade face ao turbinado discurso modernizador. Não seria o termo Floripa, antigo nome e agora novo apelido, justamente adequado para essa tênue combinação almejada entre modernidade e tradição?

O uso de Floripa como apelido de Florianópolis também pode ser relacionado com a busca deliberada de colunistas como Stodieck em escrever de acordo com o vocabulário da juventude. As abreviações se tornavam comuns para se referir a logradouros da capital

catarinense, o que transformou a rua Felipe Schmidt em Felipa, outro exemplo de reforço da identidade com o lugar via emprego de um nome feminino. Uma amostra de como os apelidos eram ligados à linguagem juvenil aparece em “Apenas uma sílaba”, de Stodieck:

A preguiça de completar as palavras, principalmente nomes próprios, parece ser uma das principais características da gurizada de hoje. Assim é que, num papo, quando ouvirem, por exemplo, falar em **Flo**, saibam que é Florianópolis. **Itá** é Itajaí; **Blu** é Blumenau. **Cambu** já não é novidade: é Camboriú. E **Belo** há muito que é Belo Horizonte. Mas aposto que não sabiam que **Bra** é Brasília e São **Léo** é São Leopoldo e **Porto** é Porto Alegre. **Santa** é a nossa amada Catarina. E **Jo** é Joinville. E como seria **Rio**, de uma sílaba só? **Curita** é Curitiba - se bem que outros preferem, sutilmente, chamá-la de **Ritiba** já que o anedotário popular diz que “**Ritiba**” em tupi-guarani quer dizer do mundo... De le em fren porque cava não des esca.... (*O Estado*, Florianópolis, 26 de julho de 1974, p. 25, grifos do autor).

Juventude, entretenimento e esporte marcavam o uso do apelido Floripa em jornais da capital catarinense. “Parabéns, Floripa” é o título de uma coluna de Stodieck em março de 1974, em referência a um show homônimo que ocorreria na data de aniversário da cidade. “Floripa ainda melhor” é o subtítulo de uma reportagem d’*O Estado* em outubro de 1976, cobrindo os XVI Jogos Abertos de Santa Catarina, cuja edição seguinte foi assinalada pela vitória da seleção de basquetebol masculino de Florianópolis. O apoio da torcida no evento, que “explodiu gritando ‘Floripa, Floripa’”, é um dos primeiros registros que indicam o uso vocal e em massa do termo, não apenas impresso no meio jornalístico¹⁹.

A hipótese de que a existência de Floripa e Floripes como nomes próprios estimulou a sua adoção como apelidos de Florianópolis se alimenta da contínua presença de mulheres com tais denominações nas notícias da imprensa. N’*O Estado*, de 21 e 23 de junho de 1962, Floripa Maria da Silva consta na lista dos corpos a serem exumados por familiares na necrópole do bairro Itacorubi, de acordo com a administração municipal dos cemitérios. No mesmo jornal, em maio de 1973, há o nome de Floripa de Andrade Carvalho, de São José, em um informe do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que continuou a citá-la periodicamente em suas notas durante o resto da década, quando já era utilizado o geo-apelido Floripa. Como visto anteriormente, jornais do Rio Grande do Sul divulgavam as cavalladas que simulavam a disputa pela “princesa Floripa” em referência ao *Auto de Floripes*. E Floripa não era só um nome para seres humanos. No *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, desde o início da década

¹⁹ *O Estado*, Florianópolis, 13 de março de 1974, p. 11; 23 de outubro de 1976, p. 7; 30 de outubro de 1977, p. 7.

de 1970, Floripa Gal era a designação de uma das principais éguas do Jockey Club Brasileiro²⁰.

Deste modo, a presente investigação sugere seis fatores que jogaram a favor da adoção do termo Floripa, que antes designava mulheres, como epíteto de Florianópolis. Em primeiro lugar, nos anos 1970, o apelido poderia demonstrar maior intimidade com a capital catarinense, seja no discurso nativista ou dos migrantes que viviam a “experiência de apropriação da cidade” (Fantin, 2000, p. 44). Em segundo, numa época de reforço da “açorianidade” como mote de identidade da capital catarinense (Sayão, 2004, p. 45-55), o termo Floripa pode ter servido como uma insígnia a ser manejada em meio à ‘invenção das tradições’, dado o seu aparente teor ibérico. A terceira razão é que a juventude cada vez mais ampla e conectada com tendências culturais arejadas condizia com um tratamento mais informal para denominar a cidade, em contraste com a retumbância do termo Florianópolis.

O quarto fator que pode ter contribuído para a difusão do apelido Floripa é a sua adequação para a propaganda de uma capital transformada em destino turístico na década de 1970, função incrustada, inclusive, no seu planejamento urbano (Lenzi & Gonçalves, 2023, p. 435-439). O quinto ponto envolve a derrocada da Ditadura Militar, a partir de 1979, permitindo exprimir com maior desenvoltura o desprezo pela referência explícita do nome Florianópolis ao marechal-presidente cuja autoridade serviu como álibi para um banho de sangue de rebeldes na Ilha de Anhatomirim. O sexto fator, por último, é a homofonia entre Florianópolis e Floripa, que torna a palavra verossímil como um acrônimo, facilitando o oblivio sobre sua origem.

Sendo Floripa um antigo nome próprio, mesmo que cada vez mais raro, não carregaria ele um sentido de familiaridade para os que conheciam seu antigo uso? Por ter sido uma palavra que já estava ‘pronta’ como nome próprio, após ter sobrevivido por séculos ao teste do tempo, a palavra Floripa não teria, assim, parecido convincente mesmo para a maioria de jovens e outros que não conheciam seu emprego em desuso? Além disso, não seria o nome Floripa devidamente ecumênico como palavra para ser empregado sem qualquer interferência de sotaque, diferente de Flops, cuja pronúncia poderia variar de acordo o tipo de ‘s’ vocalizado pelos interlocutores? Ao mesmo tempo, o discurso modernizador em vigor na década de 1970 não seria incompatível com a origem medieval do nome Floripa, contribuindo com o esquecimento de sua origem? Refletir sobre tais questões é uma forma de investigar de que modo Floripa se consolidou no imaginário geográfico acerca da capital

²⁰ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1972, p. 22.

catarinense, a ponto de derivar do discurso informal de colunas sociais para a linguagem do Estado.

Considerações finais

A presente pesquisa surgiu a partir de uma inquietação decorrente do contraste entre a celebridade de Floripa como apelido de Florianópolis, a capital de Santa Catarina, e a ausência de estudos que abordem o fato de que a mesma palavra era um antigo nome próprio feminino, provavelmente derivado de “Floripas”, termo occitano presente em uma gesta carolíngia do século XII, conhecida em Portugal por meio do *Auto de Floripes*. Como a expressão Floripa já foi transferida do uso informal para a linguagem oficial, coube investigar a escala em que o termo funcionou antes como designação pessoal feminina e o contexto de sua deriva para uma espécie de abreviação toponímica. A ideia de que se trata de um mero acaso choca-se com o fato de que Floripa, Floripes e Florípedes, três antigos nomes próprios, foram utilizados como apelidos de Florianópolis em jornais na década de 1970, tornando-se geo-apelidos.

A hipótese é de que o termo antigo Floripa fundiu-se ao topônimo Florianópolis pelo parentesco linguístico e fonético, mas também por uma reorientação no imaginário sobre a cidade ilhéu na década de 1970, combinando a defesa da tradição com a ânsia pela modernidade. Os inúmeros casos de mulheres denominadas como Floripa e Floripes listados em jornais de Santa Catarina e do resto do Brasil no século XX, além do *Auto de Floripes*, lenda que pode ter contribuído para a difusão dos dois nomes femininos nos países ibéricos e nas suas antigas colônias, ampliam a possibilidade de que o termo tenha passado por uma metamorfose semântica entre as décadas de 1960 e 1970, apesar de sua morfologia ter continuado intacta. E isso não significa que a adoção do apelido Floripa tenha sido uma homenagem às mulheres assim nomeadas, e sim que a designação serviu de referência para forjar um apelido para Florianópolis, suposta abreviação que camufla o significado original.

A palavra Floripa pode ter vindo a calhar como um apelido na década de 1970 por ser um período que combinava: a) a busca por maior intimidade em relação à capital catarinense, seja pelos que lá viviam ou chegavam; b) o reforço do discurso sobre a “açorianidade” como identidade ligada à Ilha de Santa Catarina, escavando tradições e promovendo símbolos; c) a crescente juventude que abraçava novos costumes e tendia à informalidade no uso de topônimos; d) a consolidação de uma imagem de Florianópolis ligada às promessas do turismo; e) a desaprovação das ressonâncias autoritárias embutidas no nome da capital

catarinense pela óbvia referência ao marechal Floriano Peixoto, no contexto de declínio da Ditadura Militar; f) a homofonia entre o nome da cidade e o seu novo apelido, que convém a uma cidade que possui uma das alcunhas mais longas entre as sedes estaduais brasileiras.

Familiar para alguns como nome próprio, mas desconhecida para a maioria, a palavra Floripa parece ter sido adequada como apelido no período em que um surto de modernização combinava-se com pesadas heranças em Florianópolis, tornando conveniente vestir novidade em velhos termos.

Referências bibliográficas

ANGLADE, Christian. “État et nation au Brésil: les freins de la ‘conciliation’ élitiste”. *Hérodote*, Paris, n. 98, 3^o tri., 2000, p. 45-62.

ARAÚJO, Paula Carina de. “Familysearch e familysearch indexing: informação genealógica aberta disponível na internet”. *Ciência da Informação em Revista*, Maceió, v. 4, n. 3, 2017, p. 12-24. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/36240>

ARIAS, Ademir Aparecido de Moraes. “A presença dos traidores na história de *Carlos Magno e dos Doze Pares de França*”. In: MONGELLI, Lênia Márcia *et al.* **De cavaleiros e cavalarias**. Por terras de Europa e Américas. – São Paulo: Humanitas, 2012, p. 11-21. Disponível em: <https://editora.fflch.usp.br/lenia-marcia-mongelli-congresso-de-cavalaria>

BECKER, Bertha. **Geopolítica da Amazônia**. In: BECKER, B. **As Amazônias de Bertha Becker**: ensaios sobre geografia e sociedade na região amazônica: vol. 1. Org. de Ima Célia Guimarães Vieira. – 1^a ed. – Rio de Janeiro: Garamond, 2015, p. 15-258.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Secretaria de Educação e Cultura, 1968.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. – 23^a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [2001] 2017, 255 p.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. – Florianópolis: Ed. da UFSC, [1995] 1999, 453 p.

COLLAÇO, Vera. “Um novo nome imposto e indesejado para uma cidade”. In: COLLAÇO, Vera & OROFINO, Maria Isabel. **1^o Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina – 2019** – Florianópolis: UDESC, 2020, p. 48-51.

COSTA, Viegas Fernandes da & SOUZA, Eloísa Cristina. “Gervásio Luz: ‘O jornalismo entrou na minha vida como válvula de escape’”. *Sarau Eletrônico*, Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, 2013. Disponível em: https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=256&Itemid=1

DIÁRIO CATARINENSE. “Beleza Sem Par”. *Diário Catarinense*, ClicRBS, Florianópolis, [s.d.]. Disponível em: https://www.clicrbs.com.br/sites/swf/aniversario_floripa/index.html

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida** – Florianópolis: Cidade Futura, 2000, 285 p.

FLORIPAMANHÃ. “Florianópolis merece o nome da capital catarinense?”. *FloripAmanhã*, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://floripamanha.org/2010/03/florianopolis-merece-o-nome-da-capital-catarinense/>

FONSECA, Jefferson Rafael da. **Nossa Senhora do Aterro**: Florianópolis a partir das crônicas ligeiras de Beto Stodieck (1971-1980). 2008, 165 p. Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21516>

GAERTNER, Carlos. “O Misticismo Religioso no Contestado”. *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, Tomo XV, n. 12, 1974, p. 243-248. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=884634&Pesq=Floripa&id=5569705670064&pagfis=4205>

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina**. - Florianópolis, Cidade Futura, 2002, 500 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Nomes no Brasil. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/nomes>

LACOSTE, Yves. **Paysages politiques**. – Paris: Biblio essais, 1990, 287 p.

LENZI, Maria Helena & GONÇALVES, Tiago Cargnin. “Urbanização, discursos e relações de poder: turismo e planejamento urbano em Florianópolis (1950-1980)”. *GeoUSP*, São Paulo, v. 24, n. 3, 2023, p. 425-443. Disponível em: https://revistas.usp.br/geousp/pt_BR/article/view/173193

LOHN, Reinaldo Lindolfo. “Espaço urbano brasileiro: entre a ditadura e a democracia – o caso de Florianópolis, SC (1964-1990)”. *Est. Hist.*, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 47, p. 162-181, 2011, p. 162-181. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/pz9ssLz7bVRC4bqTSBQLvjv/?format=pdf&lang=pt>

MACEDO, José Rivair & ESPIG, Márcia Janete. “De Roncesvales ao Contestado: ressignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, vol. 25(1), 1999, p. 135–159. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/25565>

MANDACH, Andre de. **La geste de 'Fierabras' ou le jeu du réel et de l'invraisemblable**. In: MANDACH, Andre de *et al.* **Au carrefour des routes d'Europe**: la chanson de geste (II). – Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 1987, p. 1-9. Disponível em: <https://books.openedition.org/pup/2334>

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia histórica do Brasil**: capitalismo, território e periferia. – São Paulo: Annablume, 2011, 160 p.

PACHECO, John & MAYER, Sofia. “Floripa é o nome de mais de 400 brasileiros — e a maioria não vive em SC, diz IBGE”. *G1 SC*, Florianópolis, 11 de novembro de 2025.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2025/11/11/floripa-e-o-nome-de-mais-de-400-brasileiros-e-a-maioria-nao-vive-em-sc-diz-ibge.ghtml>

RODRIGUES, José Augusto Alves. “Floripa”. *Boletim da Comissão Catarinense de Folclore*, Florianópolis, ano XLIV, n. 62, 2011, p. 30-32. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=884677&pesq=Floripa&pasta=ano%20201&pagfis=5482>

SANTA CATARINA, Poder Judiciário de (Memória TJSC). Inventário de Antônio Silveira de Mattos, Processo 82360, São José, 1862, 76 p. Disponível em:

<https://atom.tjsc.jus.br/index.php/br-sc-tjsc-trrj-82360>

SAYÃO, Thiago Juliano. **Nas veredas do folclore**: leituras sobre política cultural e identidade em Santa Catarina (1948-1975). 2004, Dissertação de Mestrado em História – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2004. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87915>

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira – São Paulo: Difel, [1974] 1980, 292 p.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. – São Paulo: Difel, [1977] 1983, 251 p.

VEIGA, Eliane Veras da. **Desterro perdeu para Florianópolis?**. In: COLLAÇO, Vera & OROFINO, Maria Isabel. **1º Grande Baile Místico da Ilha de Santa Catarina – 2019** – Florianópolis: UDESC, 2020, p. 61-69.

YÁZIGI, Eduardo. **Saudades do futuro**: por uma teoria do planejamento territorial do turismo. – São Paulo: Plêiade, 2009, 573 p.